

JOSÉ CASTELLO



Flannery morta para si

Em seu "Seminário 16", cuja versão brasileira acaba de sair em tradução de Vera Ribeiro (Jorge Zahar Editor), Jacques Lacan faz uma inspiradora meditação sobre o olhar. "Não é fácil definir o que é um olhar", ele diz. "Esta chega a ser uma questão que pode muito bem sustentar e devastar uma existência". Lacan detém-se, em especial, na figura do voyeur, a quem descreve como alguém "que espia pelo buraco da fechadura aquilo que, verdadeiramente, é o que não se pode ver".

Sempre pensei que grandes ficções são olhares desamparados que se desceram sobre o real. Uma ficção — assim como um olhar, para repetir Lacan — pode sustentar, mas também devastar uma existência. E por que? Porque o escritor se parece com o voyeur: ele se contorce diante do real até nele abrir uma fenda — a escrita. Através dela, luta para ver justamente aquilo que lhe é vedado ver.

Leitores tateiam o acaso. Enquanto leio os "Contos completos" da norte-americana Flannery O'Connor (Cosac Naify, tradução de Leonardo Fróes), em um intervalo, me chega pelo correio o "Seminário 16", de Lacan. Guiado pelo azar, leio alguns trechos, entre eles o que trata do voyeur. Sem grandes expectativas, só enquanto me preparo para despachá-lo, de presente, para uma amiga psicanalista, Hena Lemgruber. Mas leituras (e aqui me lembro das lições de Paul Valéry) não são religiões: ficamos com o que nos interessa. O resto se despreza, sem culpa, ou hesitação.

Leituras que prestam são as que sustentam uma existência, ou as que a devastam, me sugere Lacan. Creio que as gran-

des leituras fazem as duas coisas. É o que sinto ao ler os contos de Flannery (1925-1964), guiado pelo posfácio inspirador de Cristóvão Tezza. Lembra Tezza que Flannery — como William Faulkner, como Tennessee Williams, como Truman Capote — escreveu suas narrativas desde o abismo do Sul norte-americano. Refém do temido "cinturão bíblico" que, muitos anos depois, elegeria George W. Bush. A terra em que surgiu o Ku Klux Klan — para ficar só com uma face das trevas.

A literatura de Flannery parte dessa experiência da asfixia. Se a ficção é, como nos diz Tezza, "uma resposta solitária que se dá às provocações do mundo", as narrativas de Flannery O'Connor, mais que respostas, são um grito de ruptura e de desprezo. Contra as superstições do Sul americano, ela faz da literatura uma afirmação dolorida do real. Triste e medonho real, em que nos esfrelamos, enquanto tentamos viver. Assim Flannery define seu trabalho: "O fato é que os materiais do escritor de ficção são os mais humildes. A ficção trata de tudo o que é humano e nós somos feitos de pó, e se você despreza o fato de ser pó, é melhor você nem tentar escrever ficção".

Flannery O'Connor, lembra Tezza, não foi uma mulher engajada: não assinou manifestos, nem participou de passeatas, ou filiou-se a lutas sociais. Ciente da estrutura de pó que sustenta a existência, ela via na literatura o único instrumento capaz de tocá-la. Ou, como diz Lacan, o único meio para tentar ver aquilo que não se

consegue ver. Como é possível ver o pó, se o que o define é a dispersão?

Detenho-me em um dos mais perturbadores de seus relatos, "Enoch e o gorila". Para escapar de uma chuva, o jovem Enoch Emery, um funcionário do zoológico, se refugia sob uma marquise de cinema. Um cartaz afixado na fachada, sob o qual formigam crianças, anuncia: "Gonga! O gigante e rei da selva! Aqui em pessoa!"

Humilhado pela vida, Enoch resolve entrar na fila de cumprimentos ao macaco. Em sua hora, em vez da saudação, ele decide, o presenteará com um insulto. A idéia o entusiasma. Espera. Mas no momento do aperto de mão, o rapaz paralisa e só consegue repetir uma fala monótona, como se estivesse diante de um chefe. E é o homem que se esconde dentro do gorila, oprimido pelo tédio e pelo cansaço, quem o insulta com um palavrão.

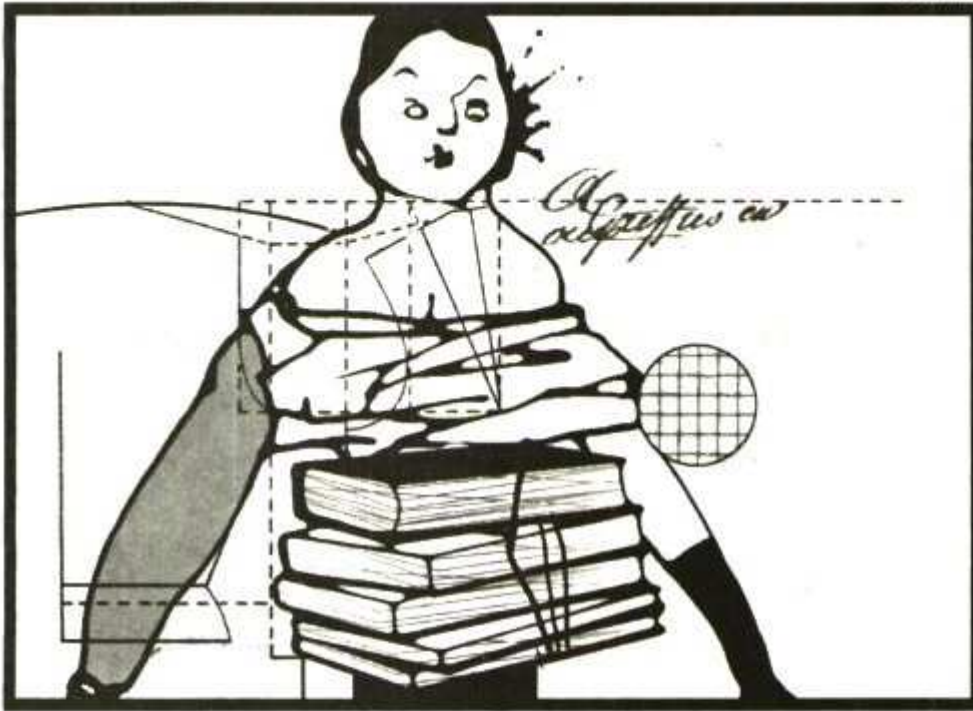
Destruir o gorila passa a ser a obsessão de Enoch. Na verdade, ele o inveja, pois gostaria de ter tantas pessoas sempre prontas para apertar sua mão. Descobre que, naquela noite, o macaco tem um último show. Corre para a porta do teatro. Depois que os fãs partem, escondido no furgão do empresário, ele ataca Gonga, o Rugidor, e lhe rouba a fantasia. No meio da noite, numa estrada deserta, despe sua roupa de homem medíocre e se veste de macaco. Sentado em uma pedra, se põe a contemplar o céu.

Enoch deseja ver o que um gorila vê. Mas o que um gorila vê ninguém vê. Os personagens trocam de posição (o falso gorila se torna um derrotado, e seu agressor se transforma no monstro), mas a mudança não altera as coisas. É do olhar e de seus limites estreitos que

trata o conto de Flannery. De um olhar impossível, que nem o falso gorila, nem o seu usurpador, conseguem ter. Olhar que gira em torno do incompreensível — olhar, por definição, do escritor. Mirada fatal que, como alerta Lacan, ou sustenta uma existência, ou a devasta.

Depois de ler o conto de Flannery, talvez se possa pensar que a literatura não é para qualquer um. Defesa de uma literatura para poucos? Nada disso. Constatação, ao contrário, de que só lê para valer quem decide fitar o impossível. Se a literatura é uma janela através da qual divisamos o real, o que se vê dessa janela é só um véu. Tenho lido, aos saltos, os gregos, os pré-socráticos. Não como um estudioso, ou especialista — que não sou. Na tradução de Emanuel Carneiro Leão, porque não sei uma só palavra de grego. Leio como os que navegam; os que lêem para, em meio a uma tempestade, flutuar. Aos trancos e clarões, como os escritores nos propõem.

Na tradução que Carneiro Leão fez dos Fragmentos, de "Heráclito" (Editora Universitária São Francisco), encontro a chave que procurava. Está escrito: "O homem toca a luz na noite, quando com a visão extinta está morto para si". Frase que define alguma coisa fundamental na experiência da leitura, reservada só aos que morrem para si. Assim, evaporando-se pela fenda das palavras, podem tocar a luz. Se isso é ver? Não é ver. É um voo imóvel, que fazemos em nossa poltrona, abraçados a um livro. Isso é a literatura.



As narrativas de
Flannery O'Connor
são um grito
de ruptura e
de desprezo
